

Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 9 - Ano 5 - Nº 9 - Janeiro / 2017
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

TEMAS LIVRES

10 – BUQUÊS DE RESPOSTAS ESCONDIDAS: CUIDADOS TERAPÊUTICOS COM IDOSOS PORTADORES DE DISTÚRBIOS NEUROCOGNITIVOS

Clarisse Caldas Cordeiro de Farias¹

Resumo

A Arteterapia proporciona aconchego e bem-estar em idosos cujos olhares semelham descontextualização, em corpos semiparalisados, linguagem verbal comprometida, deficiências auditivo-visuais que indicam alienação. Apesar do comprometimento neurológico o sorriso destes sujeitos pode ser promovido pela Arteterapia Aplicada. Em resposta, este artigo discorre sobre a possibilidade de desbloqueio expressivo não verbal de um grupo de sete idosos do sexo masculino, entre 80 e 90 anos, institucionalizados, portadores de transtornos neurocognitivos através de encontros de Arteterapia. Concomitantemente são apresentadas variadas técnicas e recursos sobre as quais orientações relevantes estão listadas visando facilitar outros profissionais quanto à aplicação dos mesmos. Durante o período de desenvolvimento desta pesquisa pôde-se observar o resultado positivo do desbloqueio não verbal do grupo traduzido através do sorriso ou do choro, do aconchego, do bem-estar entre outras expressões não verbais.

Palavras-chave: Arteterapia. Transtornos neurocognitivos. Linguagem não verbal.

Abstract

Can Art therapy give comfort and a sense of well-being to those elderly whose bodies are semi paralyzed; whose verbal communication has been compromised; whose weakened sight and hearing have brought them to the brink of alienation and whose looks let on a feeling of disconnect. Can applied Art Therapy bring back a smile to these individuals, despite the neurological problems. In order to answer these questions, this paper will describe the possibility of unlocking the non-verbal expression through Art Therapy. We worked with a group of seven elderly men between the ages of 80 and 90, who are institutionalized due to neurocognitive disorders. As we present a variety of techniques and resources, we also provide guidance, so that other professionals can apply them. Throughout the research, we witnessed positive results in stimulating the non-verbal expression of the individuals in the group, through smiling, crying, solace, satisfaction, and many other non-verbal expressions.

Keywords: Art Therapy. Neurocognitive disorders. Nonverbal language.

¹Clarisse Caldas Cordeiro de Farias –Arteterapeuta Reg. 133-44; Pedagoga; Psicopedagoga; Especialista em Metodologias; Doutoranda em Psicologia Social. Atuando em Ateliê Arteterapêutico na Integrarte - Centro de Atividades-BH.

É Preciso Transcender

*Cada encontro é um reinício.
Cada reencontro é um início.
E mais uma vez tudo esquecido.
Sem permissão pessoal
Sem orientação moral
Sob a percepção sofrida do ego
Que foge insensível
Sob a face do amargor
Clamando falta de humor.
Atônito o idoso pede compreensão
Pela sua própria desorientação
Desentendendo a realidade
Esquece a ética
Fala e age sem censura
Não se envergonha de sua imoralidade.
Onde está a senhorinha recatada?
Aonde está o altivo general?*

*Cadê a vizinha tão gentil?
Por onde anda você afinal?
Tudo difuso está no frontal!
Memória agora toda partida
Confunde a mente repartida
Mostrando as lacunas
As ausências
As lembranças míticas
Assustadoras e agressivas.
Para entender
É preciso transcender.
Deixar a arte
Fluir pelos poros da criação
Ainda bate este coração!
Que para entender
É preciso transcender.*

Clarisse Cordeiro

Semeando Buquês

Este artigo discorre sobre a possibilidade do desbloqueio expressivo não verbal de idosos institucionalizados portadores de transtornos neurocognitivos através da Arteterapia.

Optei por uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso relacionado com o estágio em Instituição de Longa Permanência para Idosos, realizado com grupo de 7 dementes senis com idades variáveis de 80 e 90 anos, do sexo masculino, por 2 horas semanais durante 8 meses.

Constatai que os moradores desta ILPI, que fica em cidade na região sudeste de Minas Gerais, recebem excelentes serviços de higiene, alimentação, atendimento médico, enfermagem e primeiros socorros. A instituição dispõe de amplo salão de convivência, dormitórios e banheiros adequados para idosos e ampla área verde. Os moradores têm poucas, mas significativas atividades lúdicas e religiosas.

Particularmente no grupo em estudo identificamos a dificuldade de verbalização decorrente de patologias como Alzheimer, Acidente Vascular Cerebral, Esclerose Múltipla e Doença de Parkinson. Constatamos dificuldades auditivo-visuais em 5 dos idosos que compõem o grupo e ainda, necessário se faz acrescentar que além de variadas dificuldades motoras 5 são cadeirantes.

O conhecimento desta situação nos leva a fazer um recorte metodológico na abordagem do tratamento desses idosos institucionalizados. Isso nos leva ao questionamento: O sorriso do idoso, que através do nosso olhar transparece bem-estar, indica a eficácia das intervenções arteterapêuticas?

Os trabalhos realizados nos levam a

estabelecer a hipótese de que apesar dos comprometimentos neurológicos o sorriso do portador de transtornos neurocognitivos pode ser promovido pela alegria e bem-estar gerados pela Arteterapia aplicada.

Assim, nosso objetivo geral é: utilizar técnicas e recursos arteterapêuticos que induzam ao bem-estar e alegria dos idosos portadores de transtornos neurocognitivos.

Concomitantemente, os objetivos específicos são: proporcionar bem-estar; humanizar o tratamento desses sujeitos e torná-los mais receptivos à medicação e procedimentos; indicar procedimentos que favoreçam a aplicação de técnicas e vivências arteterapêuticas.

Fixando meu olhar de aprendiz em Arteterapia me questionei: Estaria este grupo acrescentando vida ou desalento às suas idades cronológicas?

O meu desafio neste estágio ficou claro: testar recursos arteterapêuticos que comprovem que há expressões artísticas em cada um desses sujeitos. Comprovar que estas expressões não verbais refletem seus sentimentos independentemente dos distúrbios progressivos irreversíveis a que estão acometidos.

Corajosamente questionei a Arteterapia: Como abrir caminhos de esperança e vitalidade para estes sujeitos que têm a vida senil como prova? Diante das fragilidades emocionais, deficiências físicas e comprometimentos neurológicos somados à ausência de linguagem verbal e não verbal, poderiam as linguagens expressivas como a colagem, a pintura ou a música intervirem positivamente?

Futura arteterapeuta senti um palpitar angustiante, docemente sustentado por um buquê de respostas escondidas!

Estimulada, pude observar a clientela institucionalizada com mais nitidez.

*Onde está a senhorinha recatada?
Aonde encontro o altivo general?
Cadê a vizinha tão educada?
Por onde anda você afinal?*

Concluí que a privação sensorial os deixa distantes de si mesmos, de suas próprias personalidades, mas a Arteterapia leva à estimulação cognitiva, pois a arte, além da alegria e bem-estar, estimula os sentidos.

Importante ressaltar que o aumento da população de idosos é um evento mundial. O IBGE projeta para 2050 que um quinto da população será de idosos. O número de pessoas com 100 anos de idade aumentará 15 vezes, alcançando 2,2 milhões. As demandas para o atendimento e acompanhamento integral do idoso aumentarão. Portanto, torna-se cada vez mais relevante a assistência terapêutica em diversas áreas, especialmente a Arteterapia, porque favorece a inter-relação multidimensional entre saúde física e mental; eficácia cognitiva e competência social; inclusão social, apoio familiar e independência financeira que são aspectos relevantes para se alcançar um envelhecimento saudável, levando em consideração, naturalmente, as questões particulares de cada sujeito.

Dentro desse quadro de aumento da população de idosos, observa-se, também, o aumento dos idosos portadores de demência, o que requer tratamentos específicos como tentativa de reversão de alguns casos. Nesse sentido, a Arteterapia pode ser uma ferramenta adequada por trabalhar conteúdos internos de forma não verbal.

A Arteterapia é uma forma de terapia que adota qualquer veículo proveniente da arte que favoreça a interface expressiva do subconsciente para o consciente. Assim, devo esclarecer que o vocábulo arte, no caso da Arteterapia, não valoriza as características estéticas do que está sendo elaborado.

Buquê de Respostas I: Memórias com Aromas e Sorrisos

Foi no sexto encontro que comecei a perceber que os idosos aguardavam pela “visita” semanal da Arteterapia; aconteceu quando me aproximei para convidá-los para iniciar a sessão. Ao ouvirem a minha voz e serem trazidos pelas cuidadoras até o salão, que para nós funcionava como sala multimeios, traziam em seus olhares distanciados uma expressão que li como uma certa descontração. Não havia estranhamentos. Era como se eles me dissessem pela comunicação não verbal “Já estivemos neste lugar para viver alguma experiência que nos aconchegou”. E os idosos manifestavam isso com um sorriso de encantamento.

Ao finalizar o relaxamento com o grupo à mesa em forma de U, me aproximei de cada um fazendo a mesma pergunta: Como vai você? Bem?

Alguns permaneceram silenciosos. Outros balbuciavam frases incompreensíveis. Ouvi, no entanto, pela primeira vez, três respostas que formaram meu primeiro buquê de respostas escondidas. A maioria delas aparentemente desconexas. Todas, no entanto, indicaram que o toque da Arteterapia tinha sido sentido:

- *Você voltou da viagem?*
- *Minhas dores voltaram. Agora foram embora.*
- *Vai ter mais?*

A primeira resposta veio ao encontro à expectativa que aquele idoso viveu depois de ter esperado por aquele momento traduzido semanticamente como viagem.

A segunda confirmou que através do relaxamento houve o alívio das dores, provavelmente emocionais.

A terceira soou como uma devolução. Ao invés de resposta um questionamento: - Vai ter mais? Indicando que o processo de vínculo com a arteterapeuta e especialmente com o desabrochar pela arte para o mundo interior solicitava aprofundamento: - Quero mais!

O mais importante: O silêncio foi interrompido mais uma vez.

Neste encontro recitei a poesia “Isto ou Aquilo”, de Cecília Meireles. Mostrei fotos de vários conjuntos binários de objetos para que escolhessem apenas um (animais, flores, frutas, cores). Assim que faziam suas opções, através de olhares e gestos, eu entregava as miniaturas dos itens escolhidos. Depois falei sobre as escolhas que fazemos todos os dias. Dei exemplos de pensamentos que nos ajudam a viver com mais tranquilidade:

- *Hoje será um bom dia.*
- *Vou sentir alívio.*

Expliquei que ao escolher um pensamento positivo deixamos os negativos afastados de nossas mentes, atraindo consequentemente o bem.

“Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,

Ou compro o doce e gasto o dinheiro.”

Estar trabalhando com a memória sensorial desde os primeiros encontros teve retorno. A certeza de que o toque foi sentido é também uma forma de confirmar o que define Gediman (2008):

A memória sensorial é aquela que percebe os estímulos ambientais. Refere-

se aos registros captados pelos cinco sentidos. No caso do idoso estas recordações dizem respeito aos arquivos cerebrais relacionados com o odor, o som, a visão, a gustação e os toques que o cérebro tem estas sensações gravadas e armazenadas na memória sensorial.

Continuando o encontro o grupo foi convidado a cheirar raminhos de hortelã, alfazema e jasmim. Algumas lembranças foram relatadas, entre elas, as balas de hortelã feitas no sítio da vovó e os canteiros da primeira escola que perfumavam de jasmim toda a cidade.

Estimulada a memória de longo prazo, que está no inconsciente, pois as experiências vividas podem estar bloqueadas. Com as vivências arteterapêuticas estas memórias podem aflorar, como no exemplo citado.

Os raminhos foram colocados dentro de saquinhos, previamente confeccionados, fechados com fitas formando pequenos sachês.

Todos cheiraram repetidamente os respectivos sachês e ao perceber que dentro de processos tão avançados de transtornos neurocognitivos todos saíram com um pequeno sorriso segurando os sachês na altura do centro cardíaco. As portas sensoriais se abriram. O estímulo fez com que eles viajassem no tempo. Penetraram no espaço sagrado. Reviveram o baú das boas lembranças. Sobrepuseram as boas memórias sobre as vicissitudes da vida. Guardaram o bom no âmago da vida.

Tendo em vista que a Arteterapia para o idoso leva “vida” às suas idades e que também é uma das formas de atuar no imaginário e possibilitar o desbloqueio do potencial criativo, o idoso se volta para seu interior relembando de fatos, de acordo com seus próprios símbolos e novos impulsos para a vida. Relevante, portanto, se torna citar Jung quando em sua teoria, considera a segunda metade da vida um período de transformações, descobertas e acontecimentos psíquicos. E ainda complementando a ideia, considera-se a atividade artística uma função libertadora que facilita os trâmites para o resgate da autoestima e o sentimento de ser amado tão nebuloso no idoso portador de demências.

Este encontro me colocou frente a frente com necessária vivência das teorias que fundamentam a Arteterapia visando tornar reais nossas experiências. Relevante se torna conhecer os métodos de observação que, segundo Souza (2014) deve ser delicada, sutil, sensível, feita com os olhos, com a sensibilidade e com o coração. Uma observação dos comportamentos humanos, que não se baseia em números, mas principalmente em fatos, constatações e mudanças.

Foto 1: Sachês de alfazema, hortelã e jasmim



Fonte: Arquivo da autora

Buquê de Respostas II: Carinho e Algodão

Iniciei este encontro contando a Lenda do Algodão. Nesta lenda de origem indígena, a palavra carinho é simbolizada por floquinhos de algodão e mostra a importância do carinho, do dar, do cuidar, do auxiliar sem pedir recompensas. Imediatamente após a narração, sem que houvesse necessidade de estímulos, os idosos começaram a se “manifestar” falando de suas mães. Y, que tem mais facilidade de expressão, narrou várias lembranças que tinham vindo à sua mente: saborosa sopa dos restos de legumes do almoço que a mãe fazia para a família tomar à noite; a blusa do uniforme da escola “quentinha” porque ela passava quase na hora de sair para espantar o frio matinal; o beijo da mãe na testa antes de dormir. Na mesma narrativa se confundia e falava da falecida esposa que cozinhava pequi para comer com arroz. E sua memória o levava novamente à saudosa genitora. Percebi que poderiam associar o tema Carinho às comemorações do Dia das Mães. Entretanto, estávamos em junho.

Distribuí uma folha de papel e giz de cera nas cores azul claro, verde claro e rosa claro. Toquei a música *Noite do Meu Bem* (Dolores Duran) e pedi que eles desenhassem as imagens que vinham às suas mentes.

Eles escolheram as cores e desenharam, com a minha ajuda, flores e corações. Distribuí então bolinhas de algodão colorido para eles manusearem. Sentirem o algodão nas mãos, alguns trocavam as bolinhas por outras de cores diferentes. Passados uns cinco minutos convidei-os a enfeitar seus desenhos com o algodão. Fizeram a atividade demonstrando prazer.

Ao terminarem montei didaticamente uma exposição. Coloquei as criações em frente a cada um deles. Para que o grupo inteiro visse todas as obras passei os trabalhos da direita para esquerda. Ao final aplaudimos.

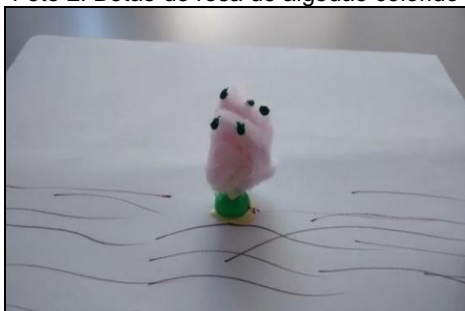
Uma surpresa os deixou encantados. Entreguei um floquinho a cada um, ou seja, uma bolinha de algodão com perfume de algodão.

Foi prazeroso e significativo. Percebi que os idosos ao serem retirados do ambiente sorriam não propriamente com a boca, mas com os olhos. Alguns balbuciavam sons indescritíveis. Cada um em sua individualidade segurava delicadamente os floquinhos de algodão. Alguns passavam a bolinha perfumada em suas próprias faces. Outros cheiravam suavemente aproveitando o doce perfume da flor do algodão.

Neste encontro, sob o tema Carinho, observei que a abordagem, o desenvolvimento e o encerramento se coadunaram. O objetivo foi alcançado com leveza e naturalidade. Embora o comportamento tenha sido comum a todos creio que cada um sentiu a vivência de acordo com a sua história de vida.

Encontrei meu segundo Buquê de Respostas Escondidas porquanto, lembrei-me da reflexão de Kofi Annan: “Reconheçamos que as pessoas idosas são únicas, com necessidades, e talentos, e capacidades individuais, e não um grupo homogêneo por causa da idade” (2002).

Foto 2: Botão de rosa de algodão colorido



Fonte: Arquivo da autora

Buquê de Respostas III: Batucada e Folião

Planejei este encontro com os objetivos:

- Construir instrumentos musicais utilizando sucatas;
- Possibilitar experiências sensoriais;
- Analisar a aplicação das técnicas diante das vivências arterapêuticas;
- Observar os sentimentos (bem-estar, mal-estar, tristeza, alegria, etc) que o grupo expresse nas diversas atividades programadas;
- Ativar a expressividade simbólica nos idosos portadores de deficiências físicas e cognitivas.

A música, muito utilizada na Arteterapia com objetivos diversos, pode possibilitar o resgate de memórias. O som assimilado pelos ouvidos chega ao cérebro pelas vias neurais. Assim, cada indivíduo recebe de uma forma as vibrações sonoras transmitidas. Isto ocorre por não existir um “dicionário de símbolos musicais” conforme explica Neto (2012). Pois uma determinada música possui uma variedade de sentidos de acordo com a história de vida de cada um. A

música nesse sentido é única para cada indivíduo.

Após o relaxamento, utilizando o CD Sons da Natureza, o grupo ouviu uma vez a música “Se esta Rua Fosse Minha”. Na segunda vez, distribuí colheres de tamanhos variados e pedi que acompanhassem o ritmo batendo com o talher sobre a mesa. Com a minha ajuda cada um imprimiu seu ritmo para acompanhar a música. Toquei então, duas vezes a música “Aurora”, de Mário Lago e Roberto Roberti, esperando que eles, na segunda vez, acompanhassem espontaneamente. Para minha satisfação eles o fizeram. Entusiasmada inseri a música “Ô Abre Alas”, marchinha de carnaval de 1939, cantada por Chiquinha Gonzaga e eles naturalmente acompanharam o ritmo com suas “colheres musicais”.

Prevenindo a possibilidade de fadiga das mãos e braços, recolhi as colheres. Suavemente passei creme para mãos em cada um. Distribuí em seguida sucatas variadas (potes de iogurte e leite fermentado, garrafas pet, copinhos de água mineral...), grãos de feijão, arroz e fita crepe para que fossem construídos instrumentos como tambores, chocalhos, entre outros.

Construídos os instrumentos testei com cada um dos idosos o som que o objeto construído emitia fazendo pequenas batucadas. Convidei o grupo para tocar acompanhando a música “Aurora” com o som mais baixo. Usando a mesma música aumentei um pouco mais o som e confesso que até eu fui envolvida numa energia de alegria e compartilhamento.

Como se formássemos uma banda, tocamos os estrilhos das seguintes músicas: Mamãe Eu Quero, Taí, A Banda, e os hinos do Atlético, Cruzeiro e Flamengo.

O destaque deste encontro foi J. Este idoso de ótima aparência, sempre bem vestido e penteado, demonstra alegria quando elogiamos seus tênis novos, presente do filho mais velho, ou seu casaco vermelho, de couro legítimo, segundo ele. Frequentemente chora quando nos despedimos ao sair ou quando ouve as músicas do Roberto Carlos. Morador na ILPI há mais de 10 anos, é sempre visitado pelo filho mais velho uma vez por mês. Hoje aos 82 anos, tendo sofrido 8 AVC's apresenta entre outras sequelas, a incapacidade linguística de expressar seus sentimentos. É comum ouvi-lo falar várias frases desconexas como: - Não tenho coração ou, - Tá na hora de pegar o caminho de casa...

O grupo construiu os instrumentos com esforço e aparente interesse. Coloquei a música “Aurora” logo após a construção dos instrumentos. Percebi J um pouco ansioso. Parecia que queria dizer alguma coisa. Só mais tarde compreendi o que estava ocorrendo com ele. Uma agradável surpresa me aguardava. J respirou fundo e cantou em voz alta e afinada a música que estava sendo tocada. Usou seu

instrumento no ritmo. Cantou mais uma música por iniciativa própria. Descontraído soltou a voz e a emoção. Um grande folião!

Achei meu terceiro buquê de respostas escondidas observando J e imaginando o carnaval quando ainda reinava a alegria sem química e o ritmo sem tecnologia.

O som da banda puxada por J se espalhou pelo ambiente. A equipe de enfermagem e outros cooperadores entraram no salão atraídos pela contagiante alegria e bela voz de J. Por mais alguns minutos cantamos e batucamos num incomparável momento de alegria, inclusão e integração que não estava proposto em meu planejamento.

Buquê de Respostas IV: Pedra, Sangue, Choro e Dignidade

Planejei este encontro que marcou profundamente a minha experiência com este grupo formado por portadores de transtornos neurocognitivos, utilizando o pensamento de Jung sobre o entardecer da vida, ou seja, a velhice, que deve ter sentido próprio para que não se torne triste e vazia possibilitando trágicas consequências.

Tendo lido o prontuário do morador E na semana anterior, tomei conhecimento que, por volta dos 55 anos, por motivo desconhecido, abandonou os dois filhos adolescentes e a esposa no interior do estado do Espírito Santo, vindo morar em Belo Horizonte, onde trabalhou como pintor de paredes, até os 66 anos. Nada consta sobre suas relações afetivas depois de deixar a pacata cidade praiana onde vivia. Desde as minhas primeiras visitas ouvi E se queixando baixinho. Suas queixas, sempre repetitivas, eram sobre a ausência dos filhos ou da mulher. Aos 74 anos, depois de sofrer um AVC e ser portador da doença de Parkinson veio para a ILPI onde já reside há mais de 15 anos. Este idoso, embora bastante comprometido nas áreas motoras, sofre acentuadas dificuldades orais e visuais, apresentou excelente receptividade ao trabalho arteterapêutico desde as primeiras sessões.

Neste encontro, após me ouvirem recitar por duas vezes a poesia “No Meio do Caminho,” de Carlos Drummond de Andrade, falei sobre as pedras que fazem parte do nosso caminhar. Recheei o assunto com as diversas alternativas para aceitar as “rochas pessoais” extraindo delas sempre aprendizado e sabedoria.

Em seguida, convidei o grupo a observar um castelo de pedras construído bem no centro da mesa. Para melhorar a visualização o castelo foi construído sobre um *sousplat* (prato de baixo em português) sendo, portanto, facilmente colocado mais próximo, mais alto ou mais baixo, para favorecer a visão de cada idoso.

Todos observaram com interesse. Pedi então

que cada um escolhesse uma pedra daquele castelo. Solicitei e auxiliei os idosos individualmente para que sentissem a forma, a textura, e o que ela os fazia lembrar: Uma bola? Uma casa? Cada um respondeu a sua maneira sem singularidades. Expliquei, então, que a pedra escolhida se transformaria em um objeto útil.

Logo distribuí um pincel e deixei que individualmente escolhessem uma das cinco cores de tinta e cola para que pintassem suas pedras. Iniciaram com entusiasmo e leveza a atividade. Observei que mantendo a atividade de pintura uma ou duas vezes por mês, durante seis meses, os idosos tinham aprendido a gostar de pintar, embora sempre dependentes de apoio, usavam as tintas coloridas com docilidade. Arrisco dizer que os tremores nas mãos provenientes das sequelas de doenças, como Parkinson entre outras, são por eles aproveitados, pois, geram em suas mãos, através dos pincéis, movimentos repetitivos que imprimem beleza e originalidade às suas obras. Não se incomodavam de sujar os dedos e muitas vezes, junto com o objeto, pintavam involuntariamente rostos e braços. Iguais crianças!

Ao acabarem de pintar e decorar suas pedras pedi que olhassem para as suas respectivas pedras. E antes que eu tivesse tempo de me aproximar da obra do E vi que ele chorava baixinho. Um choro fininho. Profundo e muito sentido. Então vi que a pedra dele tinha sido pintada da cor vermelha. Sobre a tinta ele ainda pincelou um pouco de cola vermelha. Deu-nos a impressão de sangue escorrendo. Calmamente, entre outras perguntas questionei o porquê do choro. E entre muitos sons indefiníveis consegui entender a repetida lamentação: - Cadê meus filhos? Associando à leitura do prontuário observei que “se a pedra sangrava” e ele também chorava era o momento de acolhê-lo. Sem palavras, sequei seu rosto. Peguei algumas contas coloridas, entre elas algumas em forma de pérolas. Coloquei-as na palma da minha mão, bem próximas aos olhos dele para facilitar a escolha. E questionei convidando: Que tal enfeitar esta pedra? Transformá-la em uma pedra preciosa? Ele escolheu 3 pérolas. Devido ao constante tremor, colocou com esforço uma pérola maior e duas menores no cume da pedra. As pedras escorregaram lentamente. E, naquele momento, sem tremores olhou com firmeza para sua obra. Parou de chorar e silenciou. Com lencinhos de papel auxiliei o idoso a enxugar novamente as lágrimas escorridas pela face. Em seguida, o auxiliei a recompor a postura. Bem de frente para ele falei: - Estas delicadas pérolas representam um momento novo em sua vida. Tempo de amar independentemente das dores do passado. É tempo de renovar os bons sentimentos.

Sem saber se as minhas palavras eram por

ele sentidas ou entendidas, recitei para todos os versos de Cora Coralina:

*Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
E construindo novos poemas
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.
Recomeça.*

Ainda insistindo no sentido positivo da vida falei: - Como ficou bonita sua pedra. Para quem você daria este significativo trabalho? E ele abrindo um sorriso meio tímido, pegou a pedra que “ainda sangrava”. Entregou-me sorrindo. Agradei dizendo que usaria para segurar minhas lembranças mais sublimes. Saiu do encontro calmo. Cheio de dignidade. Com o semblante tranquilo.

Meu quarto buquê de respostas escondidas foi colhido. Afinal a Arteterapia trabalha com a parte sã, funcional da pessoa. Daí o pensamento do ilustre poeta Guimarães Rosa “Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura”(1956).

Foto 3: A Pedra de E



Foto 4: Exposição de Pedras Pintadas



Fonte: Arquivo da autora

Buquê de Respostas V: Especiarias e Bem-estar

Numa tarde muito fria do mês de maio, ao chegar na ILPI, encontrei os idosos, como sempre, asseados e bem agasalhados tomando sol. Ao cumprimentá-los percebi que estavam todos com seus semblantes fechados. O frio parecia incomodá-los mais por dentro do que por fora. Diante deste quadro decidi mudar a dinâmica para aquecer por dentro os sete idosos. Comecei então o Encontro com a música “O Que É O Que É”, de Gonzaguinha. Propositamente coloquei o volume um pouco mais alto do que o habitual. A composição tornou o ambiente

acolhedor. Desentristeceu os sujeitos, como se todos sentissem a beleza da vida proposta pelo compositor:

*Eu fico com a pureza
da resposta das crianças
É a vida
É a vida
E é bonita...*

Convidei o grupo para celebrar a vida construindo um mandala de especiarias. Coloquei sobre a mesa em frente a cada um deles um círculo de cartolina recortada na cor azul, um pote tampado contendo canela em pau, cravo, nós moscada, aniz estrelado, feijão, milho e cola branca. Para este momento da atividade coloquei o CD Sons da Natureza (água, chuva, brisa, etc.). Com naturalidade, auxiliei na abertura de todos os potes. Logo que eram abertos, o aroma das especiarias se expandia no ar semelhante ao perfume de incenso aceso.

Virei cuidadosamente o conteúdo dos potes sobre a mesa. Diante dos idosos as especiarias tomaram a forma de mapas ampliando a possibilidade de bem-estar.

Deixei que o grupo manipulasse o material por alguns minutos antes de iniciarem a colagem. Obviamente ao selecionarem as especiarias para serem coladas nos mandalas usavam o tato para pegar aquelas que seriam as preferidas pelo olfato de cada um. Dois sentidos foram mais estimulados: o tato e o olfato. Contemplando o grupo pude então constatar que a estimulação tátil não atua apenas sobre uma parte do corpo, mas sobre todo ele através da pele que é considerado o receptor dos sentidos e sensações. Nesta atividade o uso dos dedos para fazer distinções conforme foi proposto na atividade de seleção de especiarias causa a expansão e novas ligações nas áreas cerebrais envolvidas no tato, pois texturas e formas variadas produzem padrões de atividades diferentes no córtex cerebral que favorecem o fluir de emoções.

Meus olhos de aprendiz notaram que os estímulos olfativos que estão diretamente ligados às emoções que podem ser agradáveis ou desagradáveis e que ainda funcionam como via de lembranças associadas à história pessoal do sujeito estavam sendo registrados pelos corpos daqueles idosos. Fabuloso espetáculo para os meus sentidos! No caso específico deste grupo portador de transtornos neurocognitivos estas atividades fizeram emergir registros que possibilitaram bem-estar, assim como, traços de alegria.

Depois de me aproximar de cada um deles e dar pareceres positivos sobre suas obras, coloquei os mandalas para secar.

Finalmente percebi que haviam gostado da atividade. Através de expressões não verbais todos responderam sim com um pequeno sorriso

ou com um leve movimento no olhar. As fisionomias envelhecidas expressavam contentamento. Desapareceram os semblantes fechados. Apenas F sempre muito calado e com ar de autoridade me surpreendeu. Antes de chegar perto dele observei que sorria docemente exibindo as gengivas róseas. Ao me aproximar falou-me no seu idioma particular: - Tem doce... Tá doce...

Feliz, peguei com firmeza meu quinto buquê de respostas escondidas. Confirmado ficou que entre outros sentidos o olfato estimula a memória. Segundo KATZ e RUBIN (2000, p 34)

O sistema olfativo é o único sentido que tem conexões diretas com o córtex, o hipocampo e outras partes do sistema límbico envolvidas no processamento de emoções e armazenamento de memórias. É por isso que aromas como o do pão fresco ou de uma flor, um tempero ou um perfume determinado podem desencadear reações emocionais que estimulam a memória, fazendo-nos lembrar de eventos relacionados com eles.

Os autores ainda citam o filme “Perfume de Mulher”, cujo personagem cego, Al Pacino, fazia associações baseadas somente no olfato.

Para encerrar este Encontro convidei o grupo para ouvir a música “Caçador de Mim”, interpretada pelo compositor e cantor Milton Nascimento.

Foto 5: Mandalas de especiarias: Estímulos e Memórias



Fonte: Arquivo da autora

Do sexto buquê ao infinito

E, plagiando o “Soneto da Separação”, de Vinícius de Moraes (1938), de repente, não mais que de repente o sexto buquê caiu em minhas mãos!

No final de uma das sessões quando eu procurava colaborar com as auxiliares na retirada do grupo do salão forcei, não conseguindo afastar o cadeirante F. A cadeira estava travada, pensei. Curvei-me várias vezes para ver se resolvia o problema. Delicadamente uma das auxiliares vendo meu embaraço falou discretamente:- Ele não quer sair daqui. Olhe para o pé esquerdo de

F. Observei então que coberto com grossa meia de inverno o pé daquele idoso firmava com força o chão impedindo o movimento de sua velha cadeira de rodas!

São múltiplas e surpreendentes as possibilidades expressivas!

Brindei mentalmente um buquê de respostas escondidas lembrando as duas últimas estrofes da poesia do já citado e saudoso poeta:

*De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.*

*Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.*

A partir deste sexto buquê de respostas escondidas descobri que um buquê nunca vem sozinho. Em suas flores existem conexões com a finalidade, ou seja, a intenção com que o arteterapeuta planejou seu trabalho porque neste buquê estão contidos: as emoções; os aromas; as colorações; e os climas. Sendo que para serem vistas as flores exigem acurada atenção, enquanto as emoções não necessitam exclusivamente de palavras faladas para serem percebidas. Os aromas que tocam os sentimentos emergem das flores e se conjugam com perfume que cada pessoa tem em seu sagrado interior. As colorações dependerão da mistura das tintas que o profissional imprime na vivência proposta ou com aquilo que surpreendentemente acontece nos encontros arteterapêuticos. Já o clima está sempre propício para o ver além do que é visto por todos. Caso haja neblina ligar os faróis especiais para continuar na pesquisa da arte interna inerente a todos. Sob a luz da estrela solar, refletir como esculpir sem omitir os detalhes das flores que podem estar ainda em botão exigindo mais cuidados. Os ramalhetes podem ter flores de várias espécies e fases entretanto, eles existem para tornar audíveis a voz dos que se expressam pela nebulosa mensagem dos portadores de transtornos neurocognitivos.

Conforme cita Ângela Philippini na apresentação de seu livro “Caminho da Arte: construindo um envelhecimento ativo”, “WABI-SABI, a arte de ver beleza no que está desgastado, imperfeito, com visíveis sinais de passagem do tempo e da inevitável impermanência, mas que, nestas marcas, ainda é possível, perceber a beleza e a harmonia” (2015, p. 9).

Existe na atualidade uma preocupação com o idoso que poderia ser chamado aqui de ativo. No caso deste grupo em estudo defendo a tese de que não estão inativos embora se expressem de forma confusa, muitas vezes agressiva ou chorosa, raramente coerente com a realidade. Estes não puderam ou não tiveram como construir uma velhice ativa. E, assim como eles,

existirão outros que mesmo com toda a tecnologia e avanços da medicina estarão clamando:

*Socorro!
Aqui bate um coração!
Estou vivo!
Não me deixe esmorecer...
Tenho respostas que não estão no Google.
A minha beleza está no meu interior.
Muitas vezes ouço conversas atravessadas
Que tornam meu penar maior
Para entender o meu sentir
Leia nas entrelinhas das histórias costuradas
Na minha pele encarquilhada.*

Clarisse Cordeiro

Infinitos são os buquês de respostas que esperam pelos olhos sensíveis de Arteterapeutas.

Semeie no universo não compreendido dos transtornos neurocognitivos. Colha buquês de respostas que estão escondidas por se tratar de linguagem não verbal.

Mantenha-se empático. Ainda que seja um reflexo demente, aguarde a colheita, seja do sorriso ou do choro como indicativa de acolhimento e bem-estar.

Referências

BRASIL. Estatuto do Idoso – Lei nº 10.74, de 1º de outubro de 2003. Brasília: Casa Civil – Governo Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em 26.09.2015

COUTINHO, Vanessa. **Arteterapia com idosos: Ensaios e relatos**. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

GEDIMAN, Corine, CRINELLA, Francis M. (Tradução de Marcos Santarrita). **Deixe seu cérebro em forma**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

KATZ, Lawrence C., MANNING, Rubin. Tradução de Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos. **Exercícios neuróbicos para ajudar a prevenir a perda da memória e aumentar a capacidade mental**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

MORAES, Vinicius de. Soneto da Separação. Disponível em <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/soneto-de-separacao>

NETO, Luiz Costa Lima. Biografias Sonoras e Plásticas: diálogos entre Música e Arteterapia (capítulo 12) in PHILIPPINI, Ângela (Organizadora). **Arteterapia Campos de Atuação**. Rio de Janeiro: Pomar, 2012.

SOUZA, Otilia Rosângela. **Longevidade com Criatividade: Arteterapia com idosos**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Editado pela autora, 2014.